



**LECC: fortalecendo as possibilidades de investigação empírica
e epistemológica a partir da parceria entre as Escolas de Comunicação da UFF e
da UFRJ¹.**

Patrícia Gonçalves Saldanha²
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Com o objetivo de não submergir à lógica hegemônica de mercado e com empenho de buscar de possibilidades de inserção social o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Escola de Comunicação da UFRJ – LECC aposta na concretização e na consolidação da parceria que começa a estabelecer a Universidade Federal Fluminense. O presente artigo demonstrará um fragmento da 1ª Tese de doutoramento do Laboratório que trata da pesquisa empírica de contra-hegemonia do caso dos Telecentros Comunitários e será concluído com as pistas do trabalho que está em desenvolvimento por um grupo de pesquisadores interno e que tem por objetivo enriquecer seu lastro epistemológico com a estruturação da Comunicação não-hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: LECC (Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária); Práxis contra-hegemônica; Comunicação Comunitária; Telecentro Comunitário; Comunicação não-hegemônica.

**LECC: um espaço acadêmico que investiga, de forma empírica,
algumas práticas contra-hegemônicas sociais e educacionais.**

Com o objetivo de não submergir à lógica hegemônica de mercado e com empenho de buscar novas possibilidades de inserção social da/na universidade que é apresentado o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Escola de Comunicação da UFRJ – LECC e sua expansão a partir da parceria que começa a estabelecer com outra importante Universidade Federal localizada no Estado do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Profa. Adjunta do Curso de Publicidade e Propaganda da UFF/IACS, Fundadora da Agência Experimental da Casa da Eco-Escola de Comunicação da UFRJ. Vice-coordenadora do Laboratório de Pesquisa LECC – ECO/UFRJ, email: patsaldanha@globo.com ou patsaldanha@ig.com.br.



Nesse diapasão, o presente trabalho demonstra uma breve parte da Tese de doutoramento de uma das pesquisadoras do LECC e apresenta uma práxis real que aconteceu no Distrito de Arrozal, Município de Piraí: as mudanças estruturais da Sociedade piraiense a partir da implementação dos Telecentros comunitários que conectaram a população piraiense ao mundo.

Percebe-se, portanto, que se trata, de uma valiosa ferramenta tecnocognitiva capaz de contribuir com eficácia na reestruturação dos termos das trocas simbólicas e reformular os quadros cooperativos e associativos tanto locais como globais e transnacionais. A base teórico-metodológica para o desenvolvimento da pesquisa foi calcada em entrevistas, pesquisas bibliográficas e na internet.

Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária: um lugar para pensar a práxis contra-hegemônica.

O mais controverso da história é que uma escola da contemporaneidade, deve, por princípio, abrigar uma coletividade em prol da educação, que garantirá a estrutura do grupo que compartilha o bem comum: a Comunidade.

As três instituições estruturantes capazes de garantir solidez para a base da Sociedade, *Gesellschaft, tönnesiana* foram: o Estado, a Igreja e a Família. Fica claro, também, que todas essas instituições tiveram papel fundamental para o estabelecimento de regras capazes de sedimentar o *ethos* de uma Comunidade a partir da construção das normas que deveriam ser seguidas pelo grupo. Pode-se dizer que somada às três instituições, a mídia vem exercendo o papel de formadora de opinião e de criadora da vinculação social que compõe o “nexo atrativo” necessário para concretizar o ato comunicativo entre, no mínimo, dois campos conectados. Sendo que o grande diferencial entre as três instituições anteriores e a mídia, é que esta última, tem a força totalitária que suga o sujeito para a lógica do consumismo que é a lógica mercantilista, que, por sua vez, sustenta de maneira hegemônica, o próprio dispositivo midiático.

Para retomar e atualizar as idéias de Jean-Jacques Rousseau, no que se refere às estratégias de dominação utilizadas na civilização, todas as instituições, incluindo a mídia, usaram estratégias um pouco diferenciadas no método, mas movidas para o alcance do mesmo objetivo: a dominação. As três primeiras instituições, mesmo com as



mudanças ocorridas ao longo do tempo histórico, por meio da coerção e a mídia, pelo domínio ideológico.

É na busca pela não-submersão total na lógica de mercado e pelas novas possibilidades de inserção social da universidade que é apresentado o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Escola de Comunicação da UFRJ – LECC. A idéia de formar um núcleo onde os pesquisadores pudessem estudar se justifica a partir da geração da necessidade de compreender a nova gama de fenômenos midiáticos, suas possibilidades e suas alternativas. Em plena época de globalização.

Em entrevista concedida especificamente para a Tese de doutorado sobre os Telecentros comunitários Rodrigo Assumpção³ deixa claro que, em sua opinião, os movimentos sociais são muito mais compatíveis e coerentes aos movimentos de inclusão do que as universidades por exemplo. Para ele, a Universidade deveria pensar

Entretanto, é importante ressaltar que existem projetos concretos como os desenvolvidos pelo LECC, que vão na contramão da idéia de Assumpção. E o LECC é um laboratório que funciona efetivamente na Escola de Comunicação de uma das mais importantes instituições públicas de ensino do Rio de Janeiro (UFRJ) e está em processo de ampliação, em virtude de uma parceria que começa a ser pensada com outra Universidade Federal de referência para os estudos comunicacionais. A importância não se firma no número de titulações que alcança, mas nas reflexões e nas ações que produz. Na verdade, a proposta do LECC tem uma conformidade muito maior com a credulidade em relação às futuras gerações que, deveriam ser educadas com bondade e com o objetivo de experimentar os benefícios da civilização numa ótica democrática, independente dos instrumentos de coerção do Estado e da Igreja. Para Freud, se nenhuma cultura pensou nem criou, ainda, uma maneira de influenciar os homens, particularmente, a partir da infância, direcionando-os para a importância da definição e da implementação do Bem Comum à coletividade. Nesse sentido, o LECC teve como proposta inicial a valorização e a aceitação do real e, em virtude disso, começou a ser um centro fundamental para a reflexão dos novos rumos da comunicação comunitária no Rio de Janeiro e, atualmente, começa a representar uma referência regional com intuíto de, virar Nacional.

O LECC começou Necc, seguindo a tendência da escola que era nomear grupo de pesquisadores e alunos em torno de uma temática por

³Secretário-Adjunto de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento do Governo Federal Brasileiro.



núcleos de pesquisa. Pouco durou esta designação. A própria professora achou que era preciso fazer uma distinção entre um grupo voltado apenas para a pesquisa (e havia muitos) e um grupo voltado à práxis: a proposta veio logo depois do primeiro curso de formação de repórteres populares. “As ações do LECC” prossegue a professora “sempre foram norteadas a partir das demandas: quando alguém procurava um de nós, propondo um curso de formação de repórteres populares, nós aceitávamos, montávamos tudo e executávamos; se alguém procurasse propondo uma parceria para realização de um jornal comunitário nós aceitávamos. A história do LECC é essa, de aceitação do real. Aceitação do lugar que lhe foi conferido. E talvez por isso mesmo tenha crescido sem grandes dificuldades e naturalmente.(PAIVA, 2007)

Desta forma, a universidade passa a ter uma maior participação e um real comprometimento junto ao seu objeto - no caso do LECC⁴, junto às comunidades. O que conseqüentemente realimenta as pesquisas desenvolvidas no Laboratório com novos elementos que acabam por proporcionar uma reflexão mais rica, mais viva e mais verdadeira. A relação de comprometimento efetivo e prático valoriza o papel da pesquisa, pois não se trata de razão prática e sua aplicabilidade. Mas sim, de emoção prática e vivência com as vinculações humanas de uma forma geral.

Nos últimos vinte anos, diversos grupos do Terceiro Setor⁵ têm considerado não só os meios de comunicação social (que são representados pelo dispositivo), mas também os veículos de comunicação social (representados pelas organizações empresariais públicas ou privadas, sindicais, comunitárias, etc.) Por isso, é possível notar o crescimento de jornais, tv's, rádios, revistas, sites, etc., constituídos por discursos voltados para públicos locais e ligados a áreas específicas. Por isso, outra preocupação do LECC é concernente aos métodos usados nas pesquisas de Comunicação Comunitária.

A reinterpretção de métodos já utilizados é um primeiro passo. Estamos ainda na área da pesquisa científica que pode ser realizada individualmente ou em grupos, mas que certamente percorrerá um caminho mais rápido na medida em que as trocas se fizerem mais

⁴O LECC já venceu dois editais do CNPq, um da FAPERJ e um da Fundação José Bonifácio (FUJB). E o trabalho não pára. Mas o laboratório também se recusa a participar de determinados projetos: por exemplo, foi convidado, para integrar o Favela-Bairro, da Prefeitura do Rio de Janeiro, e recusou. “*Consideramos, na época, e não estávamos errados, hoje sabemos, que aquele era um projeto invasivo, nada comunitário e que para um Laboratório de Comunicação Comunitária tão articulado e livre para fazer suas escolhas, não iria acrescentar nada de positivo*” explica a professora Raquel Paiva (Id, Ibid.)

⁵“O termo “Terceiro Setor” foi utilizado pela primeira vez por pesquisadores nos Estados Unidos na década de 70, e a partir da década de 80 passou a ser usado também pelos pesquisadores europeus. Para eles, o termo sugere elementos amplamente relevantes, expressa uma alternativa para as desvantagens tanto no mercado, associadas à maximização do lucro, quanto do governo, com sua burocracia inoperante e ainda, combina a flexibilidade e a eficiência do mercado com a equidade e a previsibilidade da burocracia pública (COELHO, 2000).”
<http://terceirosetor.blogspot.com/2008/01/breve-relato-sobre-o-terceiro-setor.html>



intensas entre os estudiosos. Terminada esta etapa – que certamente poderá ser menos árdua tanto mais os movimentos populares estejam articulados e ativos –, estaremos diante do desafio da difusão e amplificação dos métodos.(PAIVA,2007)

Por isso, a questão da sistematização da pesquisa para o campo da Comunicação Comunitária é tão discutida no laboratório que funciona como um lugar que congrega estudantes de graduação, pesquisadores de pós-graduação, que se interessam em pesquisar a temática, ativistas sociais, membros dos movimentos comunitários, professores, etc... Além disso, o Laboratório produz material pedagógico impresso, on-line e realiza análises críticas e analíticas de tudo que possa servir de fundamento ou dado para pesquisas do subcampo da comunicação. Para concluir, o LECC tem uma vasta biblioteca que é formada por um acervo que inclui e disponibiliza livros, jornais, materiais acadêmicos como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado não só da UFRJ, como também, de outras universidades. Incluindo uma parceria que está em andamento com a Universidade Federal Fluminense, a UFF.

Dessa maneira, além de funcionar como centro de reflexão e de estudo (semanal), realiza eventos de pequeno porte quinzenalmente e de grande porte, como Encontros Estaduais e Congressos, a cada dois anos. Todos são abertos à comunidade acadêmica e para qualquer um que esteja interessado em contribuir com tão valiosa iniciativa que tem como próxima meta corroborar sua institucionalização com a parceria entre a UFRJ e a UFF.

Atualmente o LECC investe na sua primeira produção editorial, que tem sua publicação prevista para o primeiro semestre do presente ano e que como proposta o desenvolvimento da temática que analisa da possibilidade contra-hegemônica para a comunicação. Outra preocupação do LECC é associar o trabalho de pesquisa sobre comunicação comunitária ao envolvimento direto com os atores sociais que desenvolvem ações nesse sentido. Dessa forma, cria-se a possibilidade de construir uma ponte sobre dois pólos sociais cada vez mais afastados: a Sociedade e a comunidade acadêmica. Não uma intervenção assistencialista. Mas um movimento aprofundado de pesquisa conectado diretamente às realidades sociais, num processo dinâmico de troca. Por um lado, os movimentos sociais se apropriam das estruturas acadêmicas materiais ou teóricas, potencializando as ações. Por outro, a pesquisa ganha legitimidade em sua função de construir mecanismos concretos de reversão dos quadros de desigualdade social que desestabiliza as mais diversas instituições da vida atual.(SALDANHA,2006) ⁶

⁶Base do texto apresentado em conjunto com Gabriela Norah no Intercom em Brasília.



Ainda que as políticas públicas comecem a apontar para mudanças positivas no que se refere à Educação num âmbito geral, é preciso admitir que a educação básica precisa estar mais articulada com as pesquisas acadêmicas, uma vez que *“desde a primeira república, o Brasil deixa a educação básica de lado para cuidar das elites, priorizando a universidade. Infelizmente, a educação básica nunca foi a prioridade das prioridades.”*⁷ Por isso mesmo, o LECC, que tem tanto sentido como centro de investigação, considera os movimentos universitários, organizacionais (públicos ou privados) e comunitários e dá igual destaque aos movimentos reais providos da capacidade de vivência da comunicação comunitária e, conseqüentemente, de transformação como o que já acontece há algum tempo, no distrito de Arrozal, e se potencializa a partir do benefício concedido pelo projeto UCA⁸ para as escolas dedicadas à Educação básica. O Trabalho que trata a questão do Pirai Digital compõe um fragmento da primeira Tese de Doutorado do LECC.

Investigação da possibilidade real de inserção social através de um projeto educacional em rede.

No Município de Pirai, o projeto da cidade digital, rendeu frutos muitos positivos para os habitantes da cidade como o pré vestibular comunitário, o projeto UCA e muitas outras atividades desenvolvidas na Comunidade, principalmente, por conta da Escola que sempre funcionou como uma **sede** para a existência de uma Comunidade consistente.

Na verdade, a **sede** é uma das características da Comunidade de Parentesco, pensada e desenvolvida por Ferdinand Tönnies, que tem como função reunir as pessoas da família e ser o espaço físico que mantém a coesão do grupo. O fato de existir uma sede não faz com que os conflitos de uma Comunidade desapareçam, mas mantém a concretude da Comunidade em si.

No caso de Arrozal, a escola conseguiu cumprir um papel de importância indiscutível para a consumação da Comunidade. Uma das potencializações visíveis ocorridas no distrito, foi a inclusão digital promovida pelo projeto UCA. No entanto, é essencial reconhecer que o mérito do processo de inclusão social é da escola. Melhor dizendo, é da forma como a escola é conduzida e da forma como funciona propriamente.

⁷<http://cienciahoje.uol.com.br/view/3152>

⁸Um Computador por Aluno – Projeto do governo Federal.



Na verdade, os líderes da localidade estão plenamente conscientizados que a introdução de computadores potencializou o sentido de Comunidade, mas que esse sentido já era dinâmico no lugar, por conta do espírito de cidadania e de participação dos moradores de Arrozal. De fato a implementação do Telecentro foi uma importante ferramenta de articulação, assim como a rádio comunitária e tantos outros projetos que foram implementados na Comunidade. O resultado da funcionalidade e da importância da escola fica evidente quando se pode constatar que numa reunião geral, quando a escola convocou os responsáveis pelas 398 crianças matriculadas para comparecimento na instituição, houve a presença dos responsáveis por 312 alunos matriculados.

Isso é inclusão social e, para Jocemar Rodrigues de Moraes, o Diretor da escola

fazer a inclusão social é um tema muito tranquilo pra gente falar... O que a gente está fazendo aqui é a inclusão social, independente do projeto UCA, pois não é uma coisa que começou agora, não mesmo. Estamos numa escola aberta para a comunidade. Aqui acontece de tudo. É casamento, é aniversário, é festa de 15 anos, batizado, bodas de prata, bodas de ouro...A comunidade utiliza o espaço, a comunidade que vive aqui, faz. A gente tem um agendamento. Aquele agendamento ali já é pra 2008, já há datas marcadas ali pra 2008. Aí a gente faz uma parceria com eles, é... eles doam o material de limpeza, detergente, sal e a gente empresta o espaço pra eles. Temos um pacto de não pedir dinheiro pra nada aqui na escola. Normalmente dizem: "Eu não tô alugando a escola, por R\$ 50,00, R\$ 200,00, R\$ 300,00 . Nós não pedimos a eles, funciona assim: a família traz, quando tem condições, o material para a escola." Aqui é convidativo... Por isso a gente tem que dedicar um tempo maior do dia para atender a comunidade. Eu tenho 8 horas de trabalho por dia, mas nós chegamos aqui 7h30min e saímos daqui 17h10min, 17h15min... todo dia. De segunda a sexta-feira. Quando tem alguma coisa, qualquer evento, convidam e, geralmente, a gente tem que estar presente."⁹

A atual Diretora Adjunta do Ciep 477, a educadora Lea Maria Peixoto estava conosco no dia da visita à escola e complementou a fala do Diretor ao comentar sobre o evento que estava prestes a acontecer e a movimentar Arrozal.

Agora mesmo ela está emprestada, para um aniversário de 15 anos que é de uma aluna da escola. Por exemplo, ... como é uma aluna da escola, a gente pediu um sabão em **barra**, porque a gente estava precisando naquele momento. Quando tem uma festa de 15 anos você entra às 7h00min da manhã e sai às 2h00min da manhã e quando é conhecido, ele ainda vem cozinhar. Outro exemplo: no final do ano passado a gente queria fazer a conclusão da 8a. série e **precisávamos de toalha de mesa, aí a gente pediu o tecido**. Levei para casa costurei, fiz a bainha e virou uma toalha de mesa (idem)

⁹ Entrevista concedida para esta pesquisa. Publicada no anexo da Tese.



De acordo com os dados fornecidos pela Coordenadores de Telecentros do projeto Pirai Digital, Kariane Xavier Barbosa, no distrito de Arrozal, existem 20 escolas que estão sob a mesma gestão, pois pertencem a mesma secretaria de educação. A partir dos dados e das falas coletadas no decorrer da visita, pode-se concluir que essa cultura não tem nada a ver com a gestão. Nem mesmo é resultado da boa administração, calcada em números ou em estatísticas, que, por conseguinte, passa a ser o menos importante. O que faz daquele grupo uma comunidade, é a capacidade local de colocar em prática o bom projeto pedagógico disponibilizado pela secretaria, que tinha como uma de suas metas o fortalecimento local, através da educação. O que pode ser reforçado quando se percebe que a Comunidade tem identidade própria e que esta identidade é marcada pelo sentimento de cidadania tão visível para quem tem a oportunidade de pisar no território piraiense. Para Kariane Barbosa, “a comunidade aqui é muito diferente...as 20 têm a mesma gestão, pois pertencem à mesma secretaria de educação. Só que essa cultura que existe aqui, é local. Essa questão da parceria com a comunidade aqui é muito diferente, porque a comunidade retribui a parceria.”

Em visita feita à cidade foi possível constatar que a comunicação tem funções sociais imprescindíveis para a garantia da cidadania. Lá, a rádio comunitária funciona ativamente como ferramenta de *Pressão*¹⁰ para conquistar o Bem Comum para o lugar. Segundo Kariane Barbosa, a comunidade de Arrozal é extremamente participativa,

quando está tudo lindo e maravilhoso eles batem palmas, eles participam. Quando está ruim também eles participam. Porque eles vão pra rádio e falam tudo. Eles fazem a política acontecer sabe? Eles cobram, eles vão à Câmara. Eles cobram o vereador que é daqui e que foi eleito pelo distrito. Eles fazem o que todo cidadão deveria fazer. A cobrança é retorno, não? É você eleger o “cara” pra ele fazer alguma coisa. O cidadão aqui pensa assim: “*Não peço por mim, mas pela minha comunidade, pelo meu local.*” O que eles fazem aqui é MUITO BEM. Porque aqui eles reivindicam mesmo. Não pode prometer nada pra eles, tem que apresentar proposta de trabalho, porque aqui, prometeu tem que cumprir ... e no prazo . É emocionante ver!!! A comunidade daqui é bem ativa. A comunidade daqui participa de tudo. Qualquer coisa que você coloque eles participam em massa. Na semana retrasada nós viemos aqui com o MEC pra fazer a visita do UCA pro trabalho do MEC as escolas têm o projeto, sabe? Eles ouviram o pessoal da escola falar que ... 398 alunos... À reunião de

¹⁰A Comunidade como Unidade de Gerência e Pressão foi muito discutida no capítulo dois deste presente trabalho apresentando a visão de Raquel Paiva, que percebe na organização e no ato de pressionar o poder público para conseguir benefícios para o próprio lugar, uma forma de comunidade.



país, praticamente todo mundo aqui na escola. Dá um orgulho...
((SALDANHA, 2008)¹¹.

Como não poderíamos deixar de abordar, a questão da violência veio à tona, principalmente porque, quando chegamos numa escola pública, que tinha um computador por aluno, com alunos e funcionários, passeando pelos corredores e carregando um Lap-top, como se fosse um lápis, a questão do assalto tinha que ser pelo menos mencionada. Para nossa surpresa, o Diretor da escola falou com muita tranquilidade no assunto. Logo no início, Kariane Barbosa, que estava presente se colocou com muita honestidade e transparência no que se refere às drogas, dizendo ter consciência das ocorrências sobre o assunto. “A gente sabe que tem. Se os jovens não têm o que fazer quando saem da escola e voltam pra casa , como em qualquer lugar, aqui há o mesmo problema. Por isso, a importância do trabalho que fazemos. Os que estão aqui, voltam pra escola, pra mexer no computador, e, principalmente, porque os jovens gostam de vir para a escola.” (SALDANHA, 2008)¹².

O Diretor da Escola fez questão de finalizar o assunto de maneira também muito apropriada e consciente da importância do trabalho coletivo de educação real realizado naquele lugar, fundamentalmente, resultante da parceria comunitária territorial.

Se a gente precisar da comunidade pra fazer uma obra, um concerto aqui, ou lá fora, eles vêm e não cobram nada . Se a comunidade precisar pregar alguma coisa, eles vêm. São amigos da escola e por isso, nós mantemos o portão aberto. Aqui não tem ninguém invadindo não. Quando vocês chegaram aqui, o portão estava aberto, não estava? Ele, na verdade, estava encostado, mas estava aberto. Fica assim porque ninguém entra. Agora, um lugar com 6.000 e poucos habitantes tem muitos casos de drogas. Tem ué!! Não adianta mascarar. O que há na cidade grande, aqui também tem. Aqui tem de tudo ... Aqui não tem tiroteio, tal e tal, ainda. Mas droga tem, bebida alcoólica, tem também. (SALDANHA, 2008)¹³.

A segurança e a honestidade com que tais temas foram abordados dão uma total coerência ao portão aberto e às condições em que encontramos a escola. Limpa, cuidada, cheia de gente independente do turno. Lá os alunos vão pra casa depois do turno e voltam pra escola, porque em Arrozal ficar na escola é bom. Por isso é importante reconhecer que esta Comunidade é operante na medida em que está configurada longe da *via ideativa* de Jean-Luc Nancy e é muito próxima do real. Com

¹¹Entrevista concedida para esta pesquisa. Publicada no anexo da Tese.

¹²Entrevista concedida para esta pesquisa. Publicada no anexo da Tese.

¹³Entrevista concedida para esta pesquisa. Publicada no anexo da Tese.



violência, com alguns casos de drogas, mas com a força do espírito comunitário que mantém viva a Comunidade daquele lugar. Por isso, pode-se dizer que lá a questão é de território e ninguém assalta os computadores da escola nem a escola, porque não faz sentido assaltar o que é deles.

A Experiência e os Perigos da Multiplicação Virtual.

É preciso, portanto, reforçar a importância contra-hegemônica da Comunicação Comunitária. Ela se torna imprescindível servir de referência para o próprio local, mas, necessária, na medida em que serve de instrumento de documentação das realizações da Comunidade para a própria Comunidade. Isso cria nexos, cria vinculação e realiza a comunicação. Além de resgatar o sentido de comunicação a partir de um “*agir comunicativo*” efetivo, pode evitar plágios e apropriações indevidas de projetos, por exemplo, como o Pirai Digital. A questão que finaliza este texto se refere ao papel da escola e da universidade, pois ambas estão bem representadas no que se refere ao espaço real. O que nos caberia investigar agora para dar continuidade a essa pesquisa, futuramente, seria a possibilidade real de re-territorialização a partir do virtual.

Parafraseando Maria Helena Horta, essa experiência é o “caminho que se faz ao caminhar”. É preciso viver para ser. Segundo a própria professora, há vários riscos em relação ao Telecentro que está conectado à rede. Dentre muitos, o risco evidente está em descaracterizar o projeto. O maior risco é a apropriação e o mau uso de um projeto transformador num discurso de democratização para que a aceitação, por parte da opinião pública, seja facilitado. Alterar um projeto dessa natureza, que só deu certo por ter sido construído coletivamente; com Comunidade, prefeitura e vários parceiros e por ter sido fortificado em função de um saber acumulado, em mais uma ferramenta de mercado, ou em mais um elemento de propaganda política, seria um crime.

Colocar um projeto em 300 escolas sem uma proposta concreta, visando a boa implementação e continuidade, sem o verdadeiro engajamento de todas as prefeituras seria seguir o caminho do atoleiro. Nesse diapasão, a comunicação seria fundamental. De qualquer forma, a comunicação só iria funcionar com o envolvimento da Comunidade.

Na cidade digital, os moradores recebem uma senha na prefeitura e podem acessar seus computadores em qualquer lugar. Existem quiosques nas praças, na



rodoviária, na cooperativa de artesanato, enfim, em todos os lugares. As pessoas usam de fato o maquinário para trabalhar, para pegar receitas, para divulgar o seu trabalho, para acessar sites de relacionamento, para pagar contas bancárias, etc.

Dentre tantas histórias riquíssimas da cidade, há duas que merecem ser contadas. A primeira é que, em certa ocasião, aconteceu uma visita de representantes da ONU em Pirai, todos muito bem trajados. Quando estavam na cooperativa conhecendo o quiosque, veio um pescador, parou no quiosque e consultou uma informação no Instituto de Meteorologia. Um dos consultores se aproximou para saber o que o tal pescador, que enxugava as mãos num paninho que estava ao seu alcance, estava fazendo ali. O pescador explicou que, na verdade, estava pescando, mas deu uma “paradinha” para verificar o tempo para calcular o rumo das Tilápias, pois dessa forma, ele pescaria mais em menos tempo. Caso a pescaria não estivesse valendo à pena, voltaria para casa para ficar com a família.

Outro fato marcante se deu quando estava na escola em Arrozal. Muito impressionada com a desenvoltura com que as crianças levavam seus lap-tops de um lado para o outro, um funcionário, que acabara de ajudar um aluno, foi questionado sobre sua função e se ele também manuseava, com facilidade, o computador. A resposta dele foi: “_ *Sou servente. Claro que mexo! Aqui todo mundo usa computador.*” Então, eu (na posição de pesquisadora) o provoquei: “_ *Todo mundo não, se um não usar, já não é todo mundo.*” O rapaz ficou me olhando meio estático. Nesse exato instante, uma faxineira com material de limpeza cruzou o mesmo corredor. Fui até ela. Quando perguntei se usava computador, a faxineira me respondeu: “_ *Claro! Eu pego as receitas da Ana Maria Braga. Peguei a de um bolo de chocolate muito bom!*” E o servente completou: “_ *Eu disse!*”

A intimidade com o computador, não acontece em Arrozal pela disponibilidade de computadores na cidade. O processo é todo em função do espírito de coletividade da Comunidade. Só com a Comunidade envolvida é que a comunicação funciona. Não adianta engordar as estatísticas, nem sair distribuindo computadores pelas escolas sejam públicas ou não. Na realidade, uma atitude dessa ordem será a comprovação do mau uso e do mau gasto do dinheiro público. Distribuição de computadores não cria vinculação social, não estabelece “*nexo atrativo entre o si próprio e o outro*”. Apenas pode vir a se transformar numa pauta criativa de um meio de comunicação massivo e alastrará uma falsa idéia de um projeto bem sucedido, que na verdade, nunca aconteceu. É importante



ressaltar que Telecentro não se instala, se constrói no coletivo. Obviamente, a iniciativa de instalação dos micros e dos equipamentos de ordem técnica que o farão acontecer são necessários, mas o Telecentro não é linha de chegada, é ponto de partida. Seria a atitude derradeira: transformar o Telecentro que funciona em rede numa rede, de Telecentros.

MEC compra telecentros para nove mil escolas :Nove mil escolas públicas urbanas de todo o País que ainda não dispõem de laboratórios de informática passarão a contar com o serviço a partir do início de 2008. Na semana passada, a Secretaria de Educação a Distância (Seed/MEC) escolheu uma empresa, por meio de pregão eletrônico, que fornecerá e instalará os telecentros. ... Com a aprovação do MEC, a empresa começará, no início do ano que vem, a entregar e instalar as estações e a oferecer suporte para as escolas espalhadas pelas 27 unidades da Federação. A empresa também terá a responsabilidade de oferecer todo o suporte necessário às escolas beneficiadas. “Desde o início de 2007, o ProInfo já passou de um atendimento de 1.800 municípios para aproximadamente 5.300, saltando de aproximadamente 6.500 para 13 mil escolas até o final do ano. Com isso, nós já praticamente universalizamos o atendimento às escolas de ensino médio brasileiras”, explica o diretor do Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica da Secretaria de Educação a Distância, José Guilherme Moreira. A previsão é de que, até 2010, cerca de 80 mil escolas de 5ª a 8ª séries, que ainda não contavam com laboratórios de Informática terão sido equipadas pelo Programa Nacional de Informática na Educação, sendo 20 mil delas em 2008. ¹⁴

Daí a importância da Comunicação Social, para que a elaboração da notícia seja feita com uma linguagem mais adequada, de forma que não seja possível torcer o sentido da informação. Como se executa a compra de um Telecentro? Como seria possível a veiculação de uma notícia dessa natureza, por uma fonte oficial do poder público?

O formato certinho, já tira os traços dos Telecentros comunitários que, geralmente, têm computadores, impressora, ar condicionado e instrutores, mas não é regra. A regra existe sim, mas atua em outras instâncias. O fato do Telecentro ser comunitário já pressupõe a existência de uma conduta que deve ser seguida pelos usuários. Geralmente, essas regras são colocadas em *banners* que ficam expostos num lugar bem visível. Além disso, há a presença do instrutor que toma conta do lugar. Nos Telecentros visitados no decorrer desta pesquisa, pode-se perceber que nem a forma de conduzir os centros é igual. Para concluir, o maior perigo do Telecentro se transformar numa franquia “certinha” igual a do Mac Donald's é perder a sua essência de resgatar o

¹⁴Editado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - Nº569 - Brasília, 14 de novembro de 2007 .



vir-a-ser dos membros da comunidade na qual está inserida, deixando, portanto, de ser um dispositivo tão importante para a práxis da Comunicação Comunitária.

Considerações Finais

Para concluir, é bom registrar que, o texto do presente trabalho compõe a primeira Tese de Doutorado do LECC. Além de fortalecer, a cada dia, seu banco de pesquisas no âmbito da Comunicação Comunitária, o laboratório também atua em outras áreas.

Semanalmente, por exemplo, os membros se encontram para estudar e pensar autores e obras estruturantes da Comunicação Social. O grupo que frequenta o LECCturas, já se autodenominou de “Coletivo Pensante e Atuante do LECC”.

O objetivo do Leccturas é levantar questões, inaugurar possibilidades, trocar informações, confrontar opiniões sobre Comunicação Comunitária em um ambiente de colaboração mútua e construção coletiva de ideias. O espaço é aberto e o convite extensível a todos aqueles que apostam no diálogo como a melhor forma de reflexão.

Outras atividades importantes são as paLECCs, que consistem de palestras mensais de agentes comunicacionais dos movimentos sociais ou do mercado que desejam contribuir com nosso campo de estudos e os Encontros de Comunicação Comunitária bienais (já caminha para a 4ª edição).

Acredita-se que, a partir da concretização da parceria do Instituto de Arte e Comunicação da UFF com a Escola de Comunicação da UFRJ, no que se refere à consolidação do LECC, a força investigativa do laboratório, que já conta com 5 bolsas de graduação, se potencializará e que trabalhos como esse serão viabilizados com maior e melhor estrutura. Um dos projetos com começou a se desenvolver há pouco tempo, em função do resultado positivo de um edital do CNPq, está diretamente ligado à epistemologia da Comunicação Comunitária e pretende somar ao conceito de Comunicação contra-hegemônica (como o que foi trabalhado no presente texto), o conceito de Comunicação não-hegemônica. Para o desenvolvimento do projeto que está sendo liderado pelo Prof. Dr. Eduardo Coutinho, mais dois pesquisadores¹⁵ estão dividindo responsabilidades de planejamento, implementação e coordenação. E para terminar, pretende-se manter o método empírico de investigação.

¹⁵Prof. Ms. Marcello Coutinho e Prof^ª. Dr^ª Patrícia Saldanha.



Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BELIZÁRIO, A., GUERIN, D., SANTOS, J., SOUZA, J. (2007) Redes de Relacionamento. É possível afirmar que o espaço virtual estimula e fomenta mecanismos de comunicação comunitária? In: Revista do LECC. no.1, Rio de Janeiro, p. 61-63.

BOFF, Leonardo. *Cuidado: o ethos do humano*. In: *Conversando em Casa* / [org. Gina Ferreira e Paulo Fonsêca] – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. P.73-78.

DOWBOR, Ladislau. *A Reprodução Social*. Petrópolis: Ed. Vozes, s.d.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991, 177p.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação estrutural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, 102p.

HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Trad. Mário Botas. Lisboa: Vega, (1ª edição), 1995. 75p.

HOBBS, T. (1979). *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizzada Silva. São Paulo: Abril Cultural.

PAIVA, R. (2007). *O Retorno da Comunidade: novos caminhos para o social*. Rio de Janeiro: MAUAD, .

___. (1998) *O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo*. Petrópolis: Vozes.

PERUZZO, C.M. (1999). *Comunicação nos Movimentos Populares*. Petrópolis: Vozes.

SALDANHA, P. (2008) *Telecentro Comunitário: dispositivo que viabiliza a inclusão humana no social*. Tese de doutorado, ECO-UFRJ.

SODRÉ, M. (2002) *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*: Petrópolis, RJ: Vozes.

___. (1992) *O Social Irrradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez.

___. (1988) *O Terreiro e a Cidade – A forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes.

___. (1996) *Reinventando a cultura – A comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes.